

terrasdabeira

Imprimido em 27-08-2014 15:27:50

Jornal TERRAS DA BEIRA

Edição de 28-08-2014

Versão original em: <http://www.terrasdabeira.com/index.asp?idEdicao=884&id=44905&idSeccao=7947&Action=noticia> >

SECÇÃO: Opinião

Um conto de Verão

Ele aprendeu a gostar dos longos dias de Verão, das longas caminhadas entre as urzes e as pedras que ele já sabe de cor. Ou talvez nem tenha precisado de aprender; tudo no seu sangue leva àqueles caminhos pelos montes, como se gerações na sua linhagem tivessem conspirado para lhe dar, aqui e agora, esta calma consonância com as fragas, as árvores, as mudanças de humor dos ventos, as direcções a seguir, os obstáculos a evitar. A brisa traz-lhe um panorama de odores que pinta na sua mente o preciso mapa das redondezas, um mapa vivo, desenhado por coisas que crescem e mudam, pelos restos da noite anterior, mas também pelos baluartes rochosos da paisagem que ali estarão para sempre. Uma giesta atrasada que teima em florir o seu perfume ácido; a água fresca que ainda corre por perto; o pontilhado acre dos restos que a manada vai deixando... tudo ele vê antes de ver com os olhos. Até coisas mais sombrias, coisas que andam por ali à noite, coisas que lhe eriçam os instintos com uma nota de medo.

Mas a curiosidade não lhe guia os passos. E o receio não os tolhe. Ele limita-se a ficar ali, vigilante mesmo que deitado, mirando a dúzia de vacas que subiu o monte com ele e que mais logo o descerá: a sua família. Pelo menos a única que o Mondego conheceu; da sua verdadeira origem, dos seus irmãos de ninhada, já memória alguma sobra. Ele encontrou ali, na vastidão em que a manada vagueia e pasta, o seu lar, a sua liberdade e também a sua missão.

Duas das vacas pariram há pouco. Os vitelos não as largam, em busca de protecção e leite. O Mondego sabe bem que não se deve aproximar, que os cornos daquelas mães desconfiadas não são para brincadeiras.

De repente, chega o nevoeiro. Ainda agora começou o entardecer, mas é como se uma noite de Dezembro ali caísse, perdida e fria, com nuvens que escorrem pelo cabeço abaixo como leite frio. As vacas murmuram entre si, talvez a combinar um regresso a casa antecipado, aguilhoadas pelo medo e pelo instinto. Ele nunca viu uma névoa assim, tão opaca e pesada que até os cheiros afoga e embaraça. As silhuetas massivas daqueles continentes de carne começam a descer o monte.

O Mondego levanta-se para as acompanhar. Mas antes vislumbra nas ondas de neblina um vulto menor, que hesita e treme, paralisado pela súbita solidão. Um dos vitelos ficou para trás. Lá ao longe, o mugido aflito da mãe, incapaz de o encontrar. Há um instinto velho de milénios que acorda.

Dias, anos depois, o dono do Mondego não se cansa da história daquela noite, contada já com laivos de fantasia, mas fiel ao cerne do sucedido: “quando as vacas voltaram, vi que faltava um vitelo. E o Mondego também tinha ficado lá no cabeço. Mas estava nevoeiro cerrado e tive de esperar pela manhã para sair à procura deles. Quando dei com o vitelo, estava deitado junto a umas pedras, para se abrigar... com o cão encostado a ele, como se fossem dois cachorros. Aqui o Mondego não quis deixar o pequeno sozinho e passou a noite toda a guardá-lo. E nem sei se teve ou não de o defender de algum lobo...”.

Certo, certo, é que esta história aconteceu mesmo, algures nos nossos campos. E se foi um Castro Laboreiro, um Serra da Estrela ou outro o herói, isso pouco interessa. Pois esta é a vida dos muitos cães de gado que todos os dias saem com as “suas” vacas, cabras ou ovelhas, arriscando a vida face ao lobo – mas também ao bicho homem, sempre mal agradecido, com as suas armadilhas, os seus carros e os seus venenos.

Texto produzido no âmbito do Projecto LIFE Med-Wolf, co-financiado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.

© 2003 Terras da Beira - Produzido por ardina.com, um produto da Dom Digital.

Comentários sobre o site: webmaster@domdigital.pt.

[Fechar](#)